

## AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO

### ALCINO SOUTINHO' HOUSES

#### **Luís Pinto de Faria, arquiteto**

Professor Associado, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa  
Investigador no Laboratório de Estudos e Projetos da Universidade Fernando Pessoa  
(lpintof@ufp.edu.pt)

#### **Ana Rita Ferreira Moreira, arquiteta**

(ritamoreira.projeto@gmail.com)

“A Obra Nasce: Revista de Arquitetura e Urbanismo” é uma revista internacional da Universidade Fernando Pessoa, de acesso aberto e com revisão por pares, direcionada à divulgação de artigos científicos sobre a prática e a teoria da arquitetura e do urbanismo. Cada número da revista é, por norma, dedicado a um tema específico destas áreas do conhecimento e cuja abordagem se pretende que seja realizada a partir de distintas perspetivas e metodologias. O tema escolhido para este número da Revista “A Obra Nasce” é, pela terceira vez na história desta publicação, de âmbito assumidamente monográfico: “As Casas de Alcino Soutinho”.

Depois de o “percurso pela obra construída” de “Celestino de Castro” (n.º 5) e o de “Artur Vieira de Andrade” (n.º 7), para este número, os investigadores foram convidados a selecionar e analisar uma das treze habitações unifamiliares projetadas e construídas por este arquiteto entre 1963 a 2003 – desde a realização da sua primeira habitação unifamiliar em Matosinhos de 1963, até à última, em Afife, de 2003 – cujo levantamento documental foi realizado no âmbito da dissertação de mestrado apresentada na Universidade Fernando Pessoa pela Ana Rita Ferreira Moreira (Moreira, 2020).

Tal como já tinha sido ensaiado por outros autores, procurou-se nesta investigação organizar a produção arquitetónica de Alcino Soutinho de acordo com as suas principais características *morfotipológicas* em três “momentos estilísticos” (Moreira, 2020, vol. 1, p. 5) distintos: a *Fase I*, associada a um período em que a sua obra acusa mais a influência da chamada “Escola do Porto” e, conseqüentemente, dos debates que então nesse contexto mais se privilegiavam (Moreira, 2020, vol. 1, p. 104); a *Fase II*, que se inicia após um longo período durante o qual Soutinho não terá realizado qualquer projeto de habitação unifamiliar (entre a Casa de Gaia, de 1968 e a Habitação Unifamiliar de Portimão, de 1980), e que coincide com um período de maior crescimento e afirmação do escritório do arquiteto (Moreira, 2020, vol. 1, p. 110); e a *Fase III*, que corresponde ao período de maior produção do escritório “Alcino Soutinho – arquiteto Lda.”, com encomendas mais mediáticas, de maior escala e com a participação de um maior número de colaboradores.

Apesar deste esforço inicial de catalogação e de teorização estilística da produção arquitetónica de Alcino Soutinho, o decurso da investigação conduziu à sua desvalorização em prol do reforço do reconhecimento da influência da sua vida pessoal e do respetivo ambiente social, político e económico.

co, enquanto fatores determinantes no balizamento e na caracterização destes períodos.

De facto, podemos encontrar uma referência a estes intervalos cronológicos nas palavras do próprio Alcino Soutinho, quando este refere que no início da sua carreira “[...] o arquiteto era um marginal. Era socialmente pouco considerado, uma espécie de tolerado, eu digo isto com objetividade sem qualquer espécie de azedume, era assim [...] a partir duma certa altura, particularmente a partir dos anos setenta–oitenta, os arquitetos começaram a ter uma certa expressão e a receber uma certa compreensão por parte da sociedade portuguesa [...]” (Soutinho, 2013). Já no final da sua carreira Soutinho sabia que a arquitetura e os arquitetos não só eram mais compreendidos como também cada vez mais valorizados pelo que está para além da disciplina: “Havia [e há] um culto: o projeto é do senhor fulano tal, um arquiteto que tenha algum nome na praça, maior ou menor prestígio” (Alcino Soutinho, em 2009, *cit. in* Moreira, 2020, vol. 1, p. 115).

Pelo exposto, se nos parece aceitável a adoção deste balizamento cronológico enquanto ferramenta metodológica útil num processo de interpretação e compreensão do *percurso pela obra construída* de Alcino Soutinho, não é evidente que estes momentos se associem a qualquer modelo ou tendência estilística.

Para ele cada edifício sempre constituiu “[...] um desafio novo e oportunidade para fazer uma investigação diferente” (Soutinho *in* Dias, 1993), pelo que o pluralismo da sua obra “[...] deve ser lido como uma sucessão da sua pesquisa pessoal e das referências arquitetónicas e históricas” (Cremascoli, 2013, p. 14).

Este processo fez de Alcino Soutinho um “arquiteto desalinado” (Dias, 1993), com uma linguagem muito própria, de quem se “marginalizou [...] e assumiu ser um outsider” (Souto de Moura, *cit. in* Andrade e Carvalho, 2013).

*Por isso, a sua arquitetura é variada e permanentemente reinventada. Não obedece a padrões físicos, nem procura criar a sua linguagem, o seu distinto e único modo de ver e fazer. O seu receituário é plural e, nessa medida, alinhado*

*com os diferentes tempos que a sua arquitetura espelha”* (Lopes, 2012, p. 11).

Sem prefixos ou sufixos, a “arquitetura” de Alcino Soutinho resulta de uma procura constante por novos espaços e “atmosferas” (Zumthor, 2019), ressonantes do seu modo próprio de pensar e fazer arquitetura, caracterizados por linguagens e sistemas construtivos novos para tempos novos mas, acima de tudo, propiciadores de vivências humanas ricas e auspiciosas.

**AUTOBIOGRAFIA:** “Alcino Peixoto Castro Soutinho nasce em Vila Nova de Gaia em finais de 1930.

Por força da profissão do pai frequenta três escolas primárias sempre com o desejo de ser sapateiro numa provável antevisão da sua propensão para ter os pés bem assentes na terra.

Entra depois no Liceu Alexandre Herculano onde cumpre os estudos secundários e abandona a sua vocação de sapateiro. Propõe-se, então, seguir um curso de formação artística na área da pintura que abandona também por considerar, à época, uma profissão de difícil realização. Para esta decisão contribuiu o conselho paterno e a já referida vocação para ter os pés assentes na terra. Mal sabia o que o esperava.

Como alternativa, em 1948, matricula-se em Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto após exame de admissão.

Conclui o curso e defende a tese final em 1959 na qual obtém a classificação de 20 valores. Conclui, também, até por força da classificação obtida, que finalmente tinha acertado na vocação. Os 10 anos de frequência do curso não se devem, contudo, a qualquer postura menos dedicada aos estudos mas às incursões políticas entretanto realizadas. A participação em manifestações, a divulgação de documentos e outras atividades anti-fascistas levam-no a ser preso e torturado pela PIDE o que o obrigou a interromper o curso.

A estadia na prisão trouxe-lhe, apesar de tudo, a oportunidade de conhecer pessoas que se revelaram importantes contributos para a sua formação como cidadão. Em 1961 obtém uma bolsa de estudo da Gulbenkian para estudar Mu-

seologia em Itália. Aí permanece durante um ano estudando e visitando as mais importantes cidades. Teve aulas no Politécnico de Milão com o Professor Ernesto Rogers e na Faculdade de Arquitectura de Roma com o Professor Pier Luigi Nervi.

A experiência revelou-se altamente enriquecedora e influenciou decisivamente as suas preferências como pessoa e como profissional. Ainda hoje Itália é um país de referência e a língua italiana a que mais gosta de falar. Regressando a Portugal trabalha como arquitecto tirocinante com os Arquitectos Arménio Losa, José Carlos Loureiro, Viana de Lima e Fernando Távora.

Em 1963 casa com uma Lisboeta de fazer parar o trânsito.

Em 1966 e 1967 nascem as duas filhas. A Andrea, mais nova, é arquitecta, trabalha consigo desde sempre e tem como missão principal preservar o seu bom humor. A Cláudia, mais velha, é advogada e só intervém quando a coisa corre mal. Colabora com a irmã na prossecução da sua missão principal. Em 1972 é convidado para dar aulas na ESBAP no Departamento de Arquitectura. Torna-se, entretanto, Professor Associado depois de ter prestado provas académicas.

Realizou dezenas de viagens na companhia dos seus amigos mais queridos – Estados Unidos da América, China, Índia, Singapura, Síria, Jordânia, Egipto, Brasil, Argentina, Uruguai, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, República Checa, Turquia, Grécia. Em todos os sítios deixou um bocado de si e de todos trouxe retalhos que o acrescentam. É hoje o resultado de tudo isto e, por isso, é feliz." (Alcino Soutinho, em 2007, *cit. in* Moreira, 2020, vol. 1, p. 7)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Andrade, S. C., e Carvalho, C. L.** (2013). Reacções à morte de Alcino Soutinho. In *O Público – Ípsilon*. <https://www.publico.pt/2013/11/25/culturaipsilon/noticia/depoimentos-1613915>

**Cremscoli, R.** (2013). *Alcino Soutinho*. Verso da História.

**Dias, M. G.** (1993–05–26). Alcino Soutinho. RTP 2, Magazine de Arquitectura e Decoração. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/alcino-soutinho/>

**Lopes, C. N. L.** (2012). Arquitectura e modos de habitar: conversas com arquitectos. Alcino Soutinho (Vol. IV). CIAMH.

**Moreira, A. R.** (2020). *AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO, estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Fernando Pessoa) Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/8693>

**Zumthor, P.** (2019). *Atmosferas*. Editorial Gustavo Gili.